

"Elite não quer pagar a dívida"

26 APR 1989
Externa
por Getúlio Bittencourt
de Nova York

A idéia de que os países do Terceiro Mundo não pagam sua dívida externa porque não podem está longe de convencer Stephen Schuker, professor de história da Universidade Brandeis, em Massachusetts. Ele afirma que esses países não pagam porque suas elites não querem, exatamente como aconteceu na moratória da Alemanha em 1933.

O Departamento de Economia da Universidade de Princeton acaba de publicar o polêmico livro de Schuker, "American 'Reparations' to Germany, 1919-1933: Implications for the Third-World Debt Crisis" (As "Reparações" Americanas para a Alemanha, 1919-1933: Implicações para a Crise da Dívida do Terceiro Mundo).

Observa que, durante os anos 70, os países em desenvolvimento de renda média cresceram 5,7% ao ano, quase tanto quanto os países exportadores de petróleo (6% ao ano) e quase o dobro do que os países industrializados (3,2% ao ano). Foi quando se endividaram.

"Muitos banqueiros, credulamente, acreditaram que haviam obtido uma margem extra de segurança porque mais de três quartos de seus empréstimos depois de 1970 foram diretamente para governos soberanos, ou tinham alguma garantia oficial", nota o autor. "Na prática, as nações também ficam insolventes, ou de qualquer maneira preferem parecer que estão, e as penalidades sobre elas raramente são muito profundas ou duram tempo", acrescenta adiante.

Schuker decididamente considera o chamado risco soberano muito mais perigoso que os outros. Observa que a Alemanha recebeu, entre 1919 e 1933, 5,3% de sua renda nacional como influxo de capital. No entanto, a soma de todas as

(Continua na página 2)

O México apresentou aos bancos comerciais um plano com quatro opções para reduzir o pagamento de sua dívida externa em dois terços. Sob o plano, os pagamentos hoje equivalentes a 6% do Produto Interno Bruto (PIB) cairam para 2%. As opções propostas incorporam mecanismos do Plano Brady e também a conversão da dívida em investimentos.

(Ver página 2)

"Elite não quer pagar a dívida"

por Getúlio Bittencourt
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

suas reparações de guerra e pagamento da dívida externa somaram apenas 2,1% de sua renda nacional durante os mesmos treze anos.

Por que, então, os alemães não pagaram suas dívidas? O centro do raciocínio de Schulke é de que isso ocorreu por "razões políticas, e não por razões estritamente financeiras". Seguindo-se ao "défaut" alemão, também ingleses e franceses suspenderam seus pagamentos aos Estados Unidos no começo dos anos 30.

Um diplomata brasileiro que fez a mesma pesquisa de Schulke, Carlos Augusto Santos Neves, descobriu nos arquivos do Itamaraty que só a Inglaterra devia então US\$ 10 bilhões aos Estados Unidos, que representam mais de US\$ 90 bi-

lhões em dinheiro de hoje — a dívida externa do México.

No caso alemão, ele observa que a elite dirigente do país não teve vontade política de "adotar as políticas de ajuste adequadas, e seu deslizamento para uma política ostensiva de insolvência refletiu prioridades políticas, mais do que exigências econômicas".

No caso do Terceiro Mundo hoje, ele também acredita às elites falta de vontade de pagar. "A Argentina, por exemplo, devastou bilhões em sua tentativa de tomar as ilhas Falklands/Malvinas da Inglaterra. O Peru adquiriu uma formidável força aérea da qual existe pouca demonstração externa de que seja necessária", argumenta.

E há exemplos piores. "Numerosos potentados do Terceiro Mundo, além disso, insistem em confundir a distinção entre ativos pú-

blicos e privados. Ferdinando Marcos, das Filipinas; Mobutu Sese Seko, do Zaire, e José López Portillo, do México, destacam-se apenas pelo volume de capital investido que manejeram para seqüestrar em seus próprios nomes", acusa.

CASO BRASILEIRO

No caso brasileiro, Schulke menciona especificamente o Plano Cruzado, que considera um projeto de alimentação do consumo e de queima de dinheiro com inflação. Nos três anos que antecederam o plano, diz ele, o Brasil "teve um saldo comercial mais do que suficiente para cobrir seus débitos externos. O 'boom' do consumo com o Plano Cruzado dissipou o saldo e rebaixou as reservas do País em moeda forte para níveis perigosos", pondera.

Para Stephen Schulke, nenhum político gosta de tomar medidas impopula-

res — mas isso é particularmente válido quando se trata de medidas que vão preservar ativos de estrangeiros. No centro de seu raciocínio está uma nova defesa da insularidade dos Estados Unidos. Sua abordagem nega qualquer validade aos estudos de John Maynard Keynes sobre as reparações de guerra.

"No entanto, há observações de Keynes que continuam válidas", diz o embaixador brasileiro Santos Neves. "Ele afirmou em 1919 que, para receber a dívida, os Estados Unidos teriam de permitir saldos comerciais de seus devedores, e portanto teriam de importar mais do que precisavam. Perdiam assim duplamente. Primeiro porque deprimiam sua própria indústria. Segundo porque nessa relação ele teriam de exportar menos. Cada dólar cobrado da dívida custava mais caro que perdô-la", conclui.